

# Capítulo D1

## O Anel Tupi

### Introdução aos capítulos B3, D2, D3, D4 e D5

<a href="#">Página inicial</a>	<a href="#">Lista das áreas</a>
--------------------------------	---------------------------------

As áreas etnográficas Amazônia Oriental, Amazônia Centro-Meridional, Aripuanã, Mamoré-Guaporé e Médio Paraná abrangem predominantemente sociedades falantes de línguas do tronco tupi. Juntamente com as áreas Mojos e Chiquitos e Chaco, que também englobam, entre outras, sociedades desse tronco, constituem um enorme arco. Quatro ou cinco séculos atrás esse arco se fechava num anel, pois outras sociedades tupis, hoje extintas, se estendiam pelos litorais sul, sudeste, nordeste e norte do Brasil. Em suma, os tupis envolviam o Planalto Brasileiro. Essa distribuição confirma a observação de Roque Laraia (1986: 43-53) de que uma característica geral dos tupis é a preferência pelo habitat florestal, pois de fato as matas cobrem os vales dos grandes rios que bordejam o Planalto Brasileiro e cobriam também o litoral.

Os estudos do linguista Aryon Dall’Igna Rodrigues (1965: 103-104) apontam as terras irrigadas pelo Guaporé (Iténez) e Jiparaná como o centro de dispersão das línguas do tronco tupi, que se teria iniciado por volta de 3.000 a.C., sendo que a família mais dispersa, a tupi-guarani, teria começado a se espalhar a partir de 500 a.C. Por outro lado, o arqueólogo José Joaquim Brochado (1984: 308-311) defende a tese segundo a qual a área de dispersão estaria mais ao norte, desde o baixo Madeira até a ilha de Marajó. Aqueles que dariam origem aos guaranis teriam subido o Madeira e descido pela bacia do Paraná, enquanto os tupinambás, nome que ele estende a todos antigos tupis do litoral, teriam se expandido pela costa brasileira desde a ilha de Marajó até o litoral de São Paulo. Num movimento de pinça teriam contornado o planalto Brasileiro a partir do noroeste e se encontrado no sudeste. Dada a sua tese, o arqueólogo não aceita, pelo menos em arqueologia e etno-história, a expressão "tupi-guarani", que junta no presente ramos que há muito teriam divergido (1984: 351-353). Vale notar que os estudos linguísticos de Rodrigues (informação pessoal) não endossam a tese da origem dos tupis litorâneos diretamente do baixo Amazonas.

Se a preferência pela floresta é unânime nas sociedades do tronco tupi, elas apresentam também outras características que talvez não lhes sejam universais, mas próprias de uma ou de outra família linguística. Das famílias tupis, a que dispõe de maior número de línguas e que ocupa área geográfica mais extensa é a tupi-guarani. Mesmo se considerarmos apenas essa grande família, nenhuma das características que aqui serão indicadas se pode com certeza afirmar como partilhada por todas as sociedades falantes das línguas que a integram.

Uma dessas características é a admissão de que apenas o homem tem o poder de procriar; a mulher se limita a abrigar o feto que se desenvolve em seu corpo. Era assim que pensavam os antigos tupinambás, e certas sociedades tupis atuais, de que se dispõe de

informações a respeito, também acham que as coisas se dão desse modo. Essa maneira de pensar é compatível com a presença de grupos patrilineares em algumas sociedades tupis, embora não os imponha necessariamente.

Outra característica da família tupi-guarani é a antropofagia, sob a forma de sacrifício de membros de sociedades inimigas aprisionados, como faziam os antigos tupinambás e outros tupis do litoral até o início da colonização, ou como talvez fizeram os parintintins até o começo do século XX (Nimuendaju 1982: 80). Às vezes o canibalismo é atribuído aos vizinhos, como fazem os caapor (Laraia 1986: 265 e 271-273), ou projetado no mundo sobrenatural, que é o caso dos arauetés (Viveiros de Castro 1986). Os guaiáquis não somente comiam os inimigos que matavam, mas também os parentes que morriam de morte natural.

Relacionada ao sacrifício antropofágico estava a quebra do crânio do inimigo, que os tupis do litoral faziam até sobre os esqueletos dos cemitérios dos contrários. Seria um modo de aniquilar ou prejudicar a existência de além-túmulo do inimigo, mas curiosamente, os atuais guaiáquis quebram os crânios dos próprios parentes falecidos (Clastres 1972: 300). Vale notar, também, que os mundurucus, que são tupis, mas não da família tupi-guarani, até o século passado, em vez de quebrar, conservavam, ornamentando-as, as cabeças dos inimigos. Seus vizinhos e adversários, os parintintins, estes sim, tupis-guaranis, também caçavam cabeças, apanhando-as até em sepulturas, mas talvez não lhes dessem o mesmo tratamento (Nimuendaju 1982: 77-80).

Roque Laraia (1963) mostrou como os suruús, premidos pelo desequilíbrio demográfico, recorreram a arranjos poliândricos. Pierre Clastres (1988: 81-84) também testemunhou entre os guaiáquis a existência de maridos secundários, igualmente por razões demográficas. Waud Kracke (1978: 14) afirma que a troca temporária de esposas entre dois homens parintintins proeminentes constituía expressão e consolidação de sua forte amizade. Mais recentemente Viveiros de Castro (1986: 422-437) descreveu a amizade entre casais arauetés, que permite o companheirismo e o acesso sexual pela troca de cônjuges. Como não parece haver motivos demográficos pelo menos para este último exemplo, pode-se supor que todos teriam por fonte um fundo cultural comum aos tupis.

A busca da "Terra sem Males", com há muito mostrou Alfred Métraux (1950) com relação aos tupis do litoral, apesar das características messiânicas, não estava vinculada diretamente à chegada dos europeus. Recebeu mais de uma interpretação, como a de Pierre Clastres (1988), que seria uma forma de obstar a formação de uma nova organização política centrada num crescente poder do chefe da comunidade. Além dos tupis litorâneos do século XVI, animou as migrações guaranis do final do século XIX e início do XX (Nimuendaju 1987), assim como parece estar presente até em soluções individuais para os infortúnios, como na história do índio caapor que saiu à procura do herói mítico Maíra (Ribeiro 1974). Trata-se, pois, de mais um elemento comum aos tupis.

Enfim, talvez seja possível chegar a uma atribuição de algumas dessas e outras características culturais aos tupi como um todo e outras apenas aos tupis-guaranis e tentar conjecturar como ao longo do tempo e de sua expansão geográfica foram divergindo não só quanto à língua e a cerâmica, mas também quanto a outros aspectos culturais.

## Bibliografia

- BROCHADO, José Joaquim J.P. 1984. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*. Tese de Doutorado em Antropologia pela University of Illinois at Urbana-Champaign. Urbana (University Microfilms International 8502084).
- CLASTRES, Pierre. 1972. *Chronique des Indiens Guayaki: Ce que Savent les Aché, Chasseurs Nomades du Paraguay*. S.l.: Plon.
- CLASTRES, Pierre. 1988. *A Sociedade contra o Estado: Pesquisas de Antropologia Política*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves. pp. 71-89.
- FERNANDES, Florestan. 1989. *A organização social dos Tupinambá*. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, Brasília: Editora UnB.
- KRACKE, Waud. H. 1978. *Force and persuasion: leadership in an Amazonian society*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press.
- LARAIA, Roque de Barros. 1963. "Arranjos Poliândricos" na Sociedade Suruí. *Revista do Museu Paulista* (Nova Série) 14: 71-75. São Paulo.
- LARAIA, Roque de Barros. 1984/1985. Uma Etno-história Tupi. *Revista de Antropologia* 27/28: 24-32. São Paulo: USP-FFLCH.
- LARAIA, Roque de Barros. 1986. *Tupi: Índios do Brasil Atual*. São Paulo: USP-FFLCH.
- MÉTRAUX, Alfred. 1950. *A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribus Tupi-Guaranis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Brasiliense, 267).
- NIMUENDAJU, Curt. 1982. "Os Índios Parintintin do Rio Madeira". In *Textos Indigenistas* (Curt Nimuendaju). São Paulo: Loyola. pp. 46-110.
- NIMUENDAJU, Curt. 1987. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec/EDUSP.
- RIBEIRO, Darcy. 1974. "Os Índios Urubus: Ciclo Anual das Atividades de Subsistência de uma Tribo da Floresta Tropical". In *Uirá Sai à Procura de Deus: Ensaios de Etnologia e Indigenismo* (Darcy Ribeiro). Rio de Janeiro: Paz e Terra. pp. 31-59.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1965. A Classificação do Tronco Lingüístico Tupí. *Revista de Antropologia* 12 (1 e 2): 99-104. São Paulo.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1986. *Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas*. São Paulo: Loyola.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1984/85. "Bibliografia etnológica básica tupi-guarani". *Revista de Antropologia* 27/28: 7-24.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1986. *Araweté: Os Deuses Canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, São Paulo: ANPOCS.

[Página inicial](#)

[Lista das áreas](#)